

A RESTRIÇÃO DE MONO-ARGUMENTALIDADE DA ORDEM VS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

MARY AIZAWA KATO
(UNICAMP)

1. O PROBLEMA

O Português Brasileiro falado (PB) atesta um comportamento variável em relação à inversão sujeito/ verbo: quanto mais argumentos à direita, menos aceitável a sentença se torna¹. A restrição quanto ao número de argumentos não é verdadeira para o Português Europeu (PE)². Os estudos empíricos atestam que o único tipo de verbo ainda produtivo na ordem VS no PB é o inacusativo, que parece aceitar essa ordem de forma irrestrita:

- (1) a. Chegou o trem.
- b. ?Telefonou o cliente³.
- c. *Assinou uma carta o chefe do departamento.
- d. **Enviou uma carta a todos o presidente da associação.

Estudando o comportamento da inversão no PB, Kato e Tarallo (1988) deram à generalização descritiva encontrada nos estudos anteriores o rótulo de “restrição de mono-argumentalidade” e atribuíram esse comportamento

¹ Vide entre os variacionistas o estudo de Lira (1986) e o de Andrade Berlinck (1986) e entre os gerativistas, o estudo de Do Nascimento (1984) e o de Bittencourt (1980). Para um estudo mais recente na linha variacionista, vide Andrade Berlinck (1995).

² Vide Costa mais adiante.

³ Embora os dados mostrem apenas uma ocorrência residual de VS com verbos inergativos, o falante não a rejeita como os padrões VOS.

à perda de duas características do PB: a) do sujeito nulo referencial como se vê em (2) e (3)⁴ e b) do clítico acusativo de terceira pessoa , como se vê em (4)⁵:

- (2) a. *Eu* estou com fome.
b. * \emptyset estou com fome
- (3) a. O Pedro_i acredita que *ele*_{ij} vem.
b * O Pedro_i acredita que \emptyset _i vem.
- (4) a. Pedro tinha visto *ele*.
b. * Pedro tinha-o visto. (OK Português Europeu)
c. Pedro tinha me/te/*o visto.
d. *Pedro o tinha visto⁶.

Assim, enquanto línguas prototipicamente de sujeito nulo apresentam inversão “livre” e evitam o pronome lexical em contextos como (2) e (3), o PB apresenta restrições em sua sintaxe VS e preferem preencher o sujeito referencial. O desaparecimento da ordem VS não-inacusativa coincide com a época em que o clítico passa a ter posição proclítica ao verbo⁷, como se pode ver em (4)c., contexto em que a terceira pessoa não pode

⁴ Na ocasião, os estudos que haviam atestado a perda do sujeito nulo eram o de Lira (1982) e de Tarallo (1983). Posteriormente o assunto foi exaustivamente tratado por Duarte (1993 e 1995).

⁵ Sobre a distribuição sincrônica do clítico acusativo, da categoria vazia e do pronome nominativo , vide Omena (1981) e Duarte (1986). Na perspectiva diacrônica, vide os estudos de Pagotto (1993) e Cyrino (1993) . Para uma interpretação da natureza da categoria vazia , vide estudos de Galves (1989) e de Kato (1991).

⁶ Esta é a forma usada na escrita mas não no PB vernacular. Note-se que a posição do clítico de primeira e segunda pessoa é de próclise ao verbo principal, posição vedada ao clítico de terceira pessoa.

(i) Pedro tinha me perdoado./*Pedro me tinha perdoado.

(ii) Pedro tinha te perdoado./*Pedro te tinha perdoado.

⁷ A mudança da posição do clítico é estudada em Pagotto (1993); o seu desaparecimento é estudado em Cyrino, (1993). A hipótese da relação entre perda de movimento e desaparecimento é de Nunes (1993).

ocorrer. Tendo perdido o movimento do verbo para posições mais altas (exemplo d.) e não podendo ser enclítico (exemplo (4)b, o pronome oblíquo de terceira pessoa deixa de ter um lugar que o aceite. O pronome forte nominativo passa a substituí-lo como em (4a)⁸.

Todavia, a existência/não-existência de um clítico de terceira pessoa não faz parte do mesmo parâmetro do sujeito nulo e, no entanto, parece ter sido um fator desencadeador da perda da inversão. Kato e Tarallo (no prelo) interpretam essa correlação da seguinte forma. A existência de clíticos permite a redução fonológica de argumentos uma vez que os clíticos permitem esvaziar a posição do complemento. Se a língua é sujeita à restrição de mono-argumentalidade, então a entrada de pronomes nominativos na posição de complementos impede que a posição dos argumentos complementos seja esvaziada.

Um argumento empírico para essa tese pode ser encontrado em estudos de outras línguas românicas. Assim, Benincá e Salvi (1988: 125) e também Rizzi (1991: 19) mostram o seguinte contraste no Italiano:

- (5) a. L'ha mangiata la mamma.
b. ?Há mangiato la torta la mamma.
- (6) a. L'ha letto mio fratello.
b. ?Ha letto il libro mio fratello.

Também Bentivoglio(1978), em seus estudos sobre o espanhol, afirma que a ordem VSO e VOS são encontradas principalmente quando o objeto ou objetos são clíticos:

- (7) Lo instalo Esteban.
- (8) Quería hacerlo Juan.

⁸ Em contextos anafóricos e principalmente com antecedente não-animado, podemos ter um objeto nulo, ou clítico nulo na análise de Kato (1993).

Terker (1984:276) também sustenta que qualquer verbo transitivo com dois ou mesmo três argumentos pode livremente ocorrer na ordem VS desde que o objeto seja clítico:

- (9) No lo recomendo mi primo.
- (10) Se lo iba a decir el estudiante.

Na análise do espanhol dos mexicanos nos Estados Unidos, Silva-Corvalán (1982) constata também que, enquanto SV com verbos mono-argumentais é da ordem de 42%, sujeitos antepostos com verbos que não são mono-argumentais cresce para 64%.

Esses fatos mostram que a restrição não é de fato peculiar ao PB, mas mais generalizada, e que a restrição não é em relação ao número de argumentos que o verbo seleciona, mas de material pronunciado. O que parece ocorrer é que o PB não tem o recurso básico para esvaziar a posição do complemento. Embora possamos dizer que as línguas de sujeito nulo são regidas pela mesma restrição de “mono-argumentalidade”, não parece haver uma proposta quanto à maneira de expressar essa restrição na teoria gramatical mais recente.

No presente estudo pretendo estender aquele estudo para melhor entender essa restrição e diante do quadro geral das línguas românicas, analisar as peculiaridades do PB.

Na seção 2. apresento as interpretações dadas à ordem VOS e VSO. Na seção 3, farei um breve resumo das teorias sobre inversão. Na seção 4 apresentarei a teoria de Zubizarreta (1998) sobre a ordem VOS, a qual propõe um movimento de ordem prosódica e uma derivação diferente para o espanhol e o italiano. Na seção 5 apresento Kato (1999), que, usando parcialmente a teoria de Zubizarreta, unifica a análise do italiano e do espanhol para VOS, tratando-a como propriedade do parâmetro do sujeito nulo. Na seção 6 proponho uma derivação diferente para a ordem VOS com sujeito indefinido, seguindo Kato (no prelo). Na seção 7 analiso o mistério da mudança do PB. Termino o trabalho com algumas conclusões.

2. A COMPLEXIDADE INTERPRETATIVA DA ORDEM VSO E VOS

O PE e o ESP contam com duas ordens possíveis para o sujeito posposto: a) antes do objeto (VSO) ou depois do objeto (VOS). Assim, além das sentenças em (1)c. e (1)d., o PE conta também com os padrões em (11)a e b.

- (11) a. Assinou João uma carta.
 OK PE *PB
 b. Enviou João uma carta ao presidente da associação.
 OK PE *PB

Para Zubizarreta (1998) a ordem VOS tem foco estreito do sujeito, respondendo a uma pergunta como “Quem fez isso?” enquanto VSO pode ter foco largo, isto é, pode ser resposta para a pergunta “O que aconteceu?”, interpretação essa corroborada por Ordoñez (1998).

Ao contrário do que é afirmado para o espanhol, Costa (1998: 144) diz que, no PE, a ordem VOS pode ter acento “default” sentencial ou acento marcado no sujeito:

- (12) a. Comeu a sopa o Paulo
 b. Comeu a sopa O PAULO.

Em sua resenha de Ordoñez, Costa (1999) mostra ainda que translinguisticamente e, em especial no PE, a leitura de VSO não é de foco sentencial, mas sim de foco incidindo no sujeito e no objeto. Assim, o contexto para (13)b é (13)a e não (14):

- (13) a. Ninguém partiu nada.
 b. Partiu o Paulo a janela

 (14) O que aconteceu?

Ao tratar de exemplos como (13), Zubizarreta não leva em conta o

problema do caráter definido ou indefinido do sujeito posposto. Todos os seus exemplos são com sujeito definido.

O italiano, por sua vez, não conta com o padrão VSO, e como vimos acima, a ordem VOS com sujeito definido só é natural quando o objeto é um clítico. Todavia, em relação ao sujeito indefinido Benincá e Salvi (1988) afirmam que o padrão é não-marcado. Comparemos (15) com as sentenças (5), aqui repetidas como (16):

- (15) a. Ha mangiatto la torta un gatto.
b. Ha letto il libro un bidelo.
- (16) a. ?Há mangiato la torta la mamma.
b. ?Ha letto il libro mio fratello.

As sentenças com sujeito indefinido não são marcadas enquanto as VOS com sujeito definido são marcadas⁹.

Há, portanto, uma divergência de interpretação entre os linguistas trabalhando com o espanhol (ESP) e aqueles que trabalham com o italiano (IT) e o PE. Resumindo, temos:

| | Zubizarreta/Ordoñez ESP | Costa PE | Benincá & Salvi IT |
|-----|----------------------------|---|--|
| VSO | [_F VSO] | V [_F S][_F O] | _____ |
| VOS | V O [_F S] | [_F VOS] / VO[_F S] | [_F VOS _{-def}] / O[_F S _{+def}] |

Ora, em vista do fato de que o ESP e o PE licenciam ambas as ordens VSO e VOS, era de se esperar que, havendo divergência interpretativa, o Italiano deveria ser o membro divergente e não o ESP.

Um problema para os padrões mono-argumentais é descobrir se a ordem VS provém da derivação que gera VOS ou daquela que gera VSO.

⁹ Estou interpretando “marcadas” como “raras” e que quando ocorrem tem uma interpretação de foco estreito.

O italiano não conta com a ordem VSO e, no entanto, conta com a estrutura mono-argumental VS, o que faz crer que VS e VOS têm a mesma derivação. Mas esta não é uma posição consensual. Para Zubizarreta (1998), como o padrão VS pode ter foco largo, sua derivação deve ser a mesma de VSO. Também para Cinque (1993) a ordem VS com inergativos pode ser proferida num contexto neutro (“out of the blue”)¹⁰, sendo o evento como um todo interpretado como novo (exemplo [18]a)¹¹. Mas o sujeito posposto de uma sentença em que o verbo não é mono-argumental, como em (18)b, deve ser interpretado, segundo o autor, como o foco marcado.

- (18) a. [_F Ha telefonato GIANNI.]
 b. Ha telefonato a me [_F GIANNI] .

No PB a sentença (19) pode ser produzida em contexto de foco largo enquanto a sentença (20) pede uma pergunta-Q, que requer foco estreito. A forma VS se apresenta em variação, nesse caso, com a ordem SV com acento primário sobre o sujeito.

- (19) a. Telefonou um estranho.
 b. “O que aconteceu?”
- (20) a. Telefonou O PEDRO..
 b. O PEDRO telefonou.
 c. “Quem telefonou?”

Pode-se perguntar, então, se (19) e (20) teriam a mesma derivação. Kato (no prelo) propõe que não, como veremos mais abaixo. Seu argumento se baseia no fato de que no italiano a ordem VOS, com verbo transitivo só passa quando o objeto é clítico, no caso do sujeito ser definido, ao contrário das formas com sujeito indefinido, que não são marcadas. No PB, contudo,

¹⁰ É interessante que para Cinque o nome próprio tem o mesmo estatuto de um nome indefinido (nota 25).

¹¹ Isto porque, segundo sua teoria, o acento nuclear recai sobre o constituinte mais profundamente encaixado e este se propaga para constituintes maiores que o contém.

a indefinidade não torna a estrutura que não é mono-argumental bem-formada.

- (21) a. *Comeu o bolo um gato.
b. ** Colocou a carta no correio um aluno.

Vamos considerar que a similaridade entre PE e IT em relação ao padrão VOS deve se estender também para o ESP se o caso de indefinidade for levado em conta nessa língua. VOS terá foco estreito se o sujeito for definido e foco largo se o sujeito for indefinido.

Para entender o que ocorre com essas construções, veremos a seguir as propostas de representação/derivação dessas estruturas no modelo da regência e ligação (GB = “Government and Binding”) e mais recentemente no Programa Minimalista para depois propor a nossa análise.

3. A DERIVAÇÃO/REPRESENTAÇÃO DA ORDEM VOS E VSO

Adams (1984) mostra que quando o francês antigo perdeu a ordem VSO (ou V2) também perdeu a propriedade de sujeito nulo. Kato e Duarte (1998) mostram que no PB a ordem VSO foi perdida antes de VOS nas interrogativas. O estudo de Andrade Berlinck (no prelo) mostra que tanto a ordem VSO quanto VOS caem drasticamente nas declarativas, a partir do início do século XVIII, mas que a queda foi mais drástica para VSO do que para VOS, que tinha uma incidência menor no início do século XVIII (34% vs 11,5%). Na segunda metade do século XX há apenas um resíduo de 1% nos dois casos. O estudo de Kato e Duarte mostram ainda que a ordem VOS parece sincronicamente aquela mais associada ao parâmetro do sujeito nulo, diferentemente da ordem VSO, ainda existente no Romance ibérico, mas não no italiano.

A análise clássica de VOS nas línguas de sujeito nulo é dada em Rizzi (1982), segundo quem o sujeito posposto estaria em adjunção à sentença. Linguistas do espanhol seguiram intuição semelhante, propondo adjunção à projeção funcional $\bar{I}P$ ou ao próprio VP (cf. refs em Ordoñez, 1998). No PE, consulte-se o estudo de raposo (1988).

A ordem VSO, por sua vez, seria derivada a partir de SVO, por movimento de V para uma categoria funcional mais alta (cf. por exemplo, Raposo 1994; Kato & Raposo 1996, Ambar, 1992).

A partir da teoria do sujeito interno ao VP (cf. Kitagawa 1986; Koopman e Sportiche 1991) foi considerada uma hipótese de que tanto a ordem VSO quanto a ordem VOS derivariam da subida do verbo para I. A subida só do V para I geraria primeiro VSO e a ordem VOS seria derivada desta por reordenação (“scrambling”) do sujeito sobre o objeto (Zubizarreta 1998 para o espanhol¹² e Costa 1998, para o PE). Note-se, porém, que o italiano não dispõe da ordem VSO e, portanto, sua ordem VOS não pode ser dela derivada. Em vista disso, Zubizarreta (1998) propõe uma derivação diferenciada para a ordem VOS do italiano, como veremos mais abaixo.

A construção VS mono-argumental do espanhol é derivada por Zubizarreta por movimento do verbo, como a construção VSO, e sua justificativa é que em ambas, VS e VSO, o sujeito pode ser foco não-marcado enquanto a construção VOS teria sempre o sujeito como foco marcado. Para Zubizarreta, VSO é a ordem básica no espanhol e VOS a derivada, donde o padrão neutro de VSO e o marcado de VOS. Vimos, porém, que o italiano admite foco largo com VOS quando o sujeito é indefinido e o PE, segundo Costa, também admite uma leitura de foco sentencial para esse padrão. Além disso, se o padrão VSO não existe no italiano, deveria se esperar que o padrão VS mono-argumental no italiano fosse sempre gerado pelo processo que gera VOS, devendo ter nesse caso o foco marcado no sujeito, o que é contestado pelos dados de Benincá e Salvi e também por Cinque (1993).

Resta ver ainda como essas análises resolvem o problema do caso do sujeito nominativo. Fica claro que caso não é licenciado por configuração Spec-núcleo. Na proposta de Koopman e Sportiche, admitia-se a atribuição de nominativo por regência e não por concordância, o que resolvia a questão. Porém, com a postulação (Chomsky, 1995) de que caso é sempre checado em configuração de concordância, não só o sujeito, mas também o objeto precisam se movimentar para uma posição de checagem. A solução para

¹² Para Ordóñez (1998), haveria uma projeção funcional intermediária NeutP para onde subiria o sujeito.

o sujeito posposto seria hoje de apelar para movimento encoberto do sujeito ou movimento de apenas seus traços, já que não se pode apelar para a proposta de caso por regência. Zubizarreta (1998) propõe que, na ordem VSO, teríamos movimento de apenas os traços formais do sujeito, sem “piedpiping” do material fonético¹³. Nesse caso, o objeto também deveria ter o mesmo processo de checagem, apenas em LF.

4. MOVIMENTO-P

Apesar dos problemas colocados na análise de Zubizarreta em função da interpretação que ela dá às sentenças com ordem VSO e VOS, podemos dizer que sua teoria da existência de um movimento prosódico (Movimento-P), sensível a peso traz uma resposta parcial para o problema da restrição de mono-argumentalidade.

Usando o binômio *foco-pressuposto* de Chomsky (1978) e Jackendoff (1981), Zubizarreta (1998) propõe uma teoria que dá conta da variação encontrada nas línguas germânicas e românicas sobre a forma como essas línguas marcam formalmente, pela ordem e pela prosódia, a noção de foco sentencial. Resumindo sua proposta, temos¹⁴:

- a) o constituinte *focal* de um sintagma deve conter a palavra ritmicamente mais proeminente na frase intoacional¹⁵ (FPR=*focus prominence principle*) ;
- b) a NSR(=*nuclear stress rule*) de Chomsky e Halle (1968) é a regra responsável para localizar a palavra ritmicamente mais proeminente do sintagma; outros fatores como, por exemplo, número de sílabas podem determinar o local do acento não-primário, mas não do acento primário;

¹³ Numa abordagem otimalista, Costa propõe que o PE permite a violação do Princípio do Caso, priorizando o princípio do Alinhamento do Foco.

¹⁴ Resumo extraído da minha resenha (submetida) do livro de Zubizarreta.

¹⁵ A autora usa o termo ‘phrase’ tanto para o conceito de ‘sintagma’ (unidade sintática) quanto de ‘frase’ (unidade intoacional). Faremos distinção só quando necessário. Do contrário usaremos frase/sintagma.

- c) há necessidade de se distinguir irmandade métrica de irmandade sintática porque aquela pode ignorar constituintes que não se ramificam metricamente, isto é, elementos prosodicamente mudos (não-visíveis);
- d) a NSR deve ser vista sob duas vertentes: (i) C-NSR e (ii) S-NSR;
- e) a C-NSR é a interpretação prosódica das relações de c-comando assimétrico, tal como formulado em Kayne (1994) e Chomsky (1995), e da noção de irmandade métrica, de tal sorte que se C_i e C_j são constituintes metricamente irmãs e visíveis, o nóculo mais baixo na relação de c-comando assimétrico é o mais proeminente;
- f) a S-NSR (ou regra de ordenação seletiva), baseada em estudos do alemão de Schmerling (1976), Gussenhoven (1984) e Selkirk (1984, 1995)¹⁶, confere o acento nuclear a constituintes selecionados pelo núcleo em relação de irmandade métrica: ao objeto se o verbo é transitivo, ao PP se o verbo seleciona objeto e PP, ao sujeito se o verbo é ergativo, e ao sujeito ou ao verbo se o verbo é inergativo;
- g) os elementos mudos são metricamente invisíveis para a NSR ; tipicamente eles são as categorias vazias e as categorias funcionais, mas há línguas em que sintagmas desfocalizados são também metricamente invisíveis.
- h) a NSR deve ser distinguida da Regra de Acento Contrastivo, uma regra metagramatical¹⁷ frequentemente usada para reparos e que pode ser livremente conferido.

O que nos interessa aqui é a parte de sua teoria que dá conta da variação dentro das línguas românicas. Nestas é a C-NSR que opera na interpretação prosódica da sentença e não a S-NSR, relevante para línguas de ordem V-final. Assim, tanto o francês, uma língua de sujeito não-nulo, quanto o italiano, língua de sujeito nulo têm, conforme o postulado (e), o acento nuclear no constituinte mais encaixado, ou mais à direita (constituinte sublinhado), como se vê em:

¹⁶ Schmerling (1976), Gussenhoven (1984) e Selkirk (1984, 1995), entre outros.

¹⁷ Para Zubizarreta, embora de caráter metagramatical, a Regra de Acento Contrastivo/Enfático apresenta correspondência com a estrutura-F(ocal), de forma mais restrita do que a correspondência entre NS estrutura-F.

- (22) a. Jean a mangé LA POMME
 b. [Jean [a [mangé [_F LA POMME]]]]
 c. [_F JEAN] a mangé la pomme.
- (23) a. Gianni a mangiato LA MELA.
 b. [Gianni [a [mangiato [_F LA MELA]]]

Contudo, se o sujeito é o elemento focalizado e é ele que precisa receber o acento nuclear, a solução nas duas línguas é diferente. A regra do acento nuclear no francês é cega aos elementos desfocalizados (cf g.). Logo o elemento visível para a regra que fica mais à direita é o sujeito, já que o predicado é desfocalizado. Temos, então, o acento nuclear *in-situ*.

Já no italiano, a regra de acento nuclear enxerga todos os segmentos que não sejam categorias vazias ou funcionais. Daí, a única maneira do sujeito receber o acento nuclear é através do movimento do predicado por cima do sujeito, deixando este mais à direita. Para Zubizaretta, tal movimento é prosodicamente motivado e não requerido para fins de checagem. Essa regra é sensível a peso como se pode ver no contraste abaixo.

- (24) a. ?[[a mangiato la mela]_{TP} [_F GIANNI [t_{TP}]]]
 b. [[l'a mangiato t]_{TP} [_F GIANNI[t_{TP}]]]

Para permitir tal movimento, Zubizaretta propõe que o sujeito é externo a TP no italiano. Assim, o que sobe é o TP, uma projeção máxima e não um T'. A checagem dos traços de V+T se faz pela subida apenas dos traços formais do sujeito posposto.

Essa análise não se estende ao espanhol. Como o espanhol tem a ordem VSO, não permitida no italiano, Zubizaretta obtém a ordem VOS através de “scrambling” da forma básica VSO, sendo o movimento de O por cima de S também uma regra de movimento-P, para permitir que o acento nuclear recaia sobre o sujeito. A autora justifica uma análise diferente para o espanhol porque para ela só o italiano tem restrição de peso na ordem VOS. O espanhol não apresentaria a restrição de peso porque o que se move é um constituinte mais leve (só o objeto) do que o que é movido no italiano (o predicado VO). Vimos acima, contudo, que nas duas línguas, a expressão do complemento por um clítico favorece a ordem

sujeito-final e que no espanhol mexicano a ordem SV é muito mais freqüente com verbos transitivos.

Mas, além da restrição de peso, que pode ser um problema de grau entre as línguas – o espanhol sendo menos sensível do que o italiano – há o contraste mais complicado apresentado por Benincá e Salvi (1988), no italiano, que é o da definitude do sujeito. Segundo esses autores, se o sujeito é indefinido, a ordem VOS é natural sem a cliticização do objeto, como se vê nas sentenças (15) acima, aqui repetidas como (25):

- (25) a. Ha mangiatto la torta un gatto.
b. Ha letto il libro un bidelo.

O trabalho de Zubizarreta nada diz sobre esse contraste. Se a ordem VOS resulta de uma regra geral de Movimento-P do predicado TP, não se entende por que, nos casos de sujeito indefinido, o italiano aceita construções não mono-argumentais. Não tem sentido dizer que as sentenças foram derivadas por Movimento-P uma vez que peso não é relevante nesses casos.

Neste trabalho, irei propor na seção 5 a mesma derivação de VOS, com sujeito definido, para o italiano e para o espanhol e na seção 6 uma derivação independente para a VOS com sujeito indefinido nas línguas de sujeito nulo.

5. SUJEITO NULO E MOVIMENTO-P

Segundo a análise de Zubizarreta, resumido acima, a C-NSR se aplica de forma distinta em línguas como o espanhol e o italiano, de um lado, e em línguas como o francês e o inglês, de outro, cujos constituintes desfocalizados e anafóricos são metricamente invisíveis para a aplicação da regra. Dada a invisibilidade desses constituintes, o acento nuclear pode recair sobre o sujeito, no francês e no inglês, resultando no fenômeno do *foco in-situ*. Já o espanhol não admite o *foco in-situ* do sujeito ou do objeto, quando há um constituinte que o segue, porque todos os constituintes são metricamente visíveis. Representando os elementos focalizados com

grifo e os metricamente invisíveis por itálico, temos o seguinte contraste¹⁸:

- (26) a. Comió una manzana JUAN.
 b. *JUAN *comió una manzana*.
 c. JOHN *ate an apple*.
 d. JEAN *a mangé une pomme*.
 “Who ate an apple?”
- (27) a. *Maria puso EL LIBRO *sobre la mesa*.
 b. Marie a mis LE LIVRE *sur la table*.
 “What did Mary put on the table?”

Zubizarreta propõe uma análise para o italiano, na qual o sujeito é externo a TP e este não tem seu argumento externo projetado, sendo somente os traços do sujeito que sobem para checar T adjungindo-se a este. O movimento-P, neste caso, eleva todo o TP, que não contém o sujeito, para cima deste. O sujeito, sendo agora o constituinte mais baixo, passa a estar em posição para receber o acento nuclear pela C-NSR. No espanhol, a autora propõe que SVO tem o sujeito na posição de spec de T.

Essa diferenciação entre italiano e espanhol não permite à autora relacionar a ordem VOS ao parâmetro do sujeito nulo. Note-se que os que tem os segmentos todos metricamente visíveis são exatamente as línguas de sujeito nulo. Mas essa relação não é estabelecida no livro da autora.

Ao contrário do estudo de Zubizarreta e de Costa, Kato (1999a) propõe que VOS nas línguas de sujeito nulo é uniformemente derivado e que tal ordem é licenciada pela mesma propriedade que define o sujeito nulo.

Kato elimina a categoria *pro*, propondo que as línguas de sujeito nulo são aquelas em que os afixos de concordância (agr) são uma categoria independente do verbo na numeração, sendo concatenados com o verbo como seu argumento dentro de VP. Esses afixos pronominais são

¹⁸ Contudo, o acento contrastivo/enfático, que é livre, é licenciado *in-situ*, mesmo no espanhol:

(i). JUAN comió una manzana (no Pedro).
 (ii). Maria puso el LIBRO sobre la mesa (no la revista).

determinantes como os pronomes livres e os clíticos. Além de ser itens independentes, têm traços- ϕ e caso nominativo, atuando, em termos de checagem, como um pronome livre no esqueleto funcional. Como essa checagem se dá na posição de adjunção a T, dada a sua natureza afixal, o Espec de T não é projetado. O afixo de concordância atua como o próprio sujeito, dispensando um sujeito lexical. Quando aparece um DP ou um pronome forte com a aparência de um sujeito, ele é analisado como um elemento externo a TP, e o afixo como um resumptivo¹⁹.

- (28) a. Juan comió la torta.
 b. $[\Sigma_p \text{Juan}_i [{}_{TP} \text{comi-} \acute{o}_i [{}_{VP} \text{la torta}_j [{}_{VP} t_i t_v t_j]]]]$
- (29) a. Yo la comí.
 b. $[\Sigma_p \text{Yo}_i [{}_{TP} \text{la}_j \text{com-} \acute{i}_i [{}_{VP} t_j [{}_{VP} t_i t_v t_j]]]]$

Como na análise de Zubizarreta para o italiano, a inversão se dá por movimento-P do constituinte TP, cujo efeito é satisfazer a relação entre foco e prosódia (*Focus prosody correspondence principle*). Assim, se a *Juan* e *YO* se atribuir o traço [+F], teremos o movimento-P para se obter a correspondência Foco-acento nuclear.:

- (30) a. Comió la torta JUAN.
 b. $[\Sigma_p [\text{Comió la torta}]_i [\Sigma_p \text{JUAN}]_j [{}_{+F}]]]$
- (31) a. La comí YO.
 b. $[\Sigma_p [\text{la comí}]_i [\Sigma_p \text{YO}]_j [{}_{+F}]]]$

O tratamento uniforme dado ao italiano e ao espanhol, duas línguas de sujeito nulo, permitiu a Kato atribuir ao mesmo parâmetro a visibilidade

¹⁹ Os autores diferem quanto à posição do sujeito na ordem SVO no PE. Barbosa(1997) propõe que ele seja externo e Costa (1998), que ele seja interno a IP. Zubizarreta propõe que só o italiano tenha sujeito externo a IP.

de todos os constituintes para a regra de acento nuclear. Línguas de sujeito não-nulo, por outro lado, teriam como propriedade do parâmetro a invisibilidade dos elementos desfocalizados.

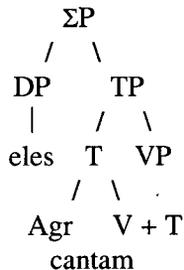
Para Kato (1999a) o que ocorreu no PB em comparação ao português clássico e ao PE se deve ao fato do PB ter perdido o caráter pronominal de seu afixo de concordância e, como consequência, este aparecer afixado ao verbo na numeração, não podendo ser inserido como argumento. Isso exige que o Spec de TP seja projetado para a checagem dos traços-D do T+V.

Nesse caso, para que o sujeito fique à direita de V+O, o que teria que ser movido seria T', um movimento banido já que só projeções máximas e núcleos podem ser movidos. Comparem-se as estruturas do PB e do PE:

- (32) a. Eles cantam. OK PE OK PB
 b. Cantam eles. OK PE *PB

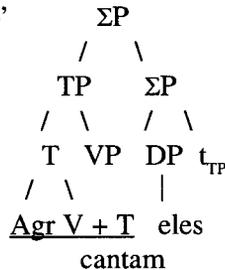
(32)' PE

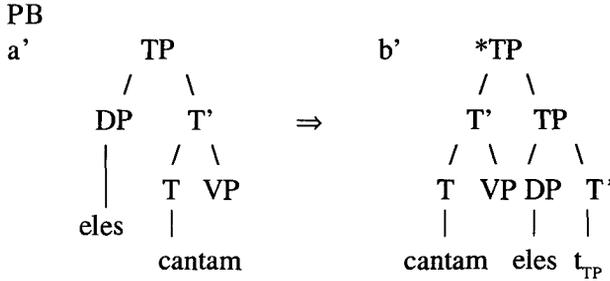
a'



⇒

b'





Enquanto o pronome *eles* é um pronome forte no PE, no PB *eles* é um pronome fraco, admitindo ser duplicado com um pronome forte quasi-homófono (cf. Duarte, 1995 e Britto, 1998):

- (33) Eles, eles cantam. OK PB *PE

O estudo de Kato (1999a) nada diz sobre a restrição de mono-argumentalidade no PB, mas poderíamos sugerir inicialmente que ela é redutível à restrição de peso do movimento-P, que no PB parece ser mais radical do que nas demais línguas românicas, isto porque o PB perdeu o clítico de terceira pessoa e esta pessoa abrange hoje a segunda e a terceira pessoas do discurso. Como o clítico de primeira pessoa ainda é preservado, esperaríamos que com ele teríamos possibilidade de inversão. E de fato é possível termos (34)a, mas não (34) b e c: o primeiro porque o clítico de terceira pessoa desapareceu e o segundo porque o TP com um DP pleno como objeto é excessivamente pesado para a aplicação do movimento-P.

- (34) a. Me agradou o filme.
 b * O agradou o filme.
 c.* Agradou meu filho o filme.

O clítico dativo diferencia *te* de *lhe*, este último caindo em desuso na região centro-leste do Brasil. Temos então o seguinte contraste:

- (35) a. Me telefonou o Pedro.
 b. Te telefonou a Maria?
 c. * Lhe telefonou o Pedro.

- d. ??Telefonou pra mim o Pedro.
e. Telefonou pra Maria o Pedro.

Já o PE conta com o paradigma de clíticos plenos e conta ainda com a ênclise, o que vai permitir uma possibilidade generalizada de inversão:

- (36) a. Agradou-me o filme.
b. Agradou-o o filme.
c. ?Agradou meu filho o filme.
- (37) a. Telefonou-me o Pedro.
b. Telefonou-te a Maria.
c. Telefonou-lhe o Pedro.
d. ?Telefonou ao Pedro a Maria.

6. VOS COM SUJEITO INDEFINIDO

Kato (no prelo) propõe que ordem livre VOS com sujeito indefinido, encontrada tanto no italiano quanto no espanhol e que não é sujeita a restrição de peso, é derivada diferentemente da ordem VOS com sujeito definido.

O que sugeri ali foi que a diferença entre as duas construções tem a ver com a estrutura do nominal definido e indefinido. Complementando o que foi ali proposto, podemos supor que o nominal definido tem o D saturado pelo determinante definido, pelo pronome forte²⁰ ou por um nome próprio alçado da posição de nome (cf. Longobardi, 1994).

- (38) a. DP b. DP c. DP
 / \ / \ / \
 D NP D NP D NP
 | | | | | |
 el hombre él ∅ Juan_i t_i

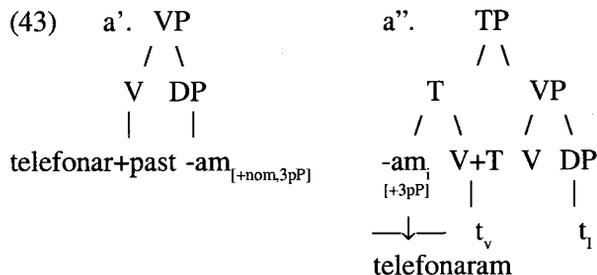
²⁰ Esta é a estrutura do pronome forte na análise de Cardinalletti e Starke (1994).

Kato (no prelo) propõe que o sujeito posposto indefinido nasce na posição de complemento do argumento pronominal, que no caso é um afixo de concordância. Mantém, conforme Kato (1999a), que o sujeito posposto definido é concatenado a TP. Nos dois casos, o que checa os traços nominais de T é o afixo pronominal que a ele se adjuge. O complemento indefinido do afixo permanece *in-situ*, não sendo arrastado (“*pied-piped*”) no movimento de checagem. Na proposta de Kato (1999a) NPs e DPs que não checam caso apresentam caso “default”, que nas línguas românicas de sujeito nulo é o nominativo²¹.

Analisemos as seguintes frases do PE²²:

(43) a. Telefonaram.

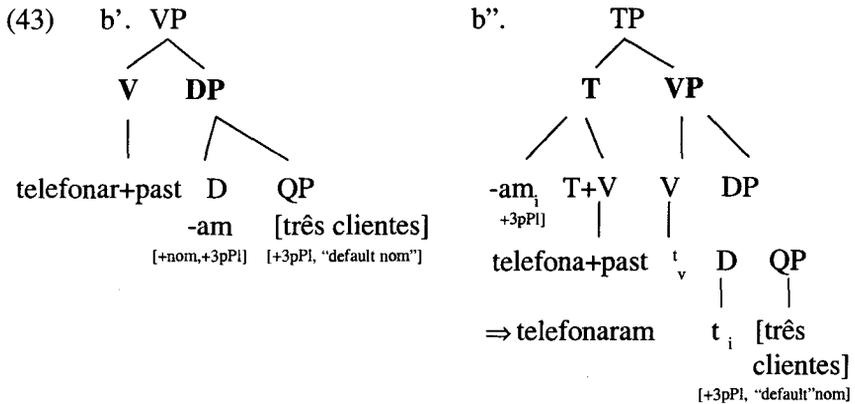
b. Telefonaram três clientes.



²¹ O caso “default” para Kato é aquele que aparece no contraste abaixo, onde o pronome é um predicativo, contexto em que o nominal não checa caso. O caso “default” é o dativo no francês, o acusativo no inglês e o nominativo nas línguas de sujeito nulo:

(i) C'est moi; (ii) It is me; (iii) Soy Yo.

²² A forma com concordância é ainda a usada na língua escrita no PB, mas não é a forma produzida pela criança como produto da aquisição do “input” oral.



Vejamus agora a construção VOS. O objeto pode ser definido como em (44):

(44) Comeram o bolo uns gatos .

Se o nome indefinido pode ser o complemento de um D pronominal, o objeto definido tem o D saturado pelo artigo:



No caso do sujeito, é o afixo pronominal que se adjunge a T para checar seus traços-D enquanto no caso do objeto é o próprio objeto que deverá se adjungir a Espec de um núcleo entre VP e TP para checar o caso acusativo. Assumirei que seja *v* de *vP* (cf Chomsky 1995), mas poderia ser também Asp de AspP. No caso do sujeito o nominal indefinido se mantém *in-situ*.

- (44)' $[_{TP} \text{ comer+T-am}_i [_{VP} [\text{o bolo}_j] [_{VP} [_{DP} t_i \text{ uns gatos}]]]]$
 $[_v' t_v [_{VP} t_i t_v t_j]]]]]$

O que temos é a) movimento de V para T ; b) o movimento do objeto [o bolo] para Espec de vP, para fins de checagem de caso acusativo e c) movimento do afixo de concordância para T para a eliminação do traço nominativo de ambos e os traços- ϕ do T. Não há, pois, o movimento-P, necessário para a ordem VOS com sujeito definido, como se vê abaixo.

- (46) Comeram o bolo OS GATOS.

- (46)' a. $[_{TP} \text{ comer+T-am}_i [_{VP} [\text{o bolo}_j] [_{DP} t_i] [_v' t_v [_{VP} t_i t_v t_j]]]]]]$
 b. $[_{\Sigma_P} [_F \text{ OS GATOS}]] [_{TP} \text{ comer+T-am}_i [_{VP} [\text{o bolo}_j] [_{DP} t_i] [_v' t_v [_{VP} t_i t_v t_j]]]]]]$
 c. $[_{\Sigma_P} [_{TP} \text{ comer+T-am}_i [_{VP} [\text{o bolo}_j] [_{DP} t_i] [_v' t_v [_{VP} t_i t_v t_j]]]]]] [_{\Sigma_P} [_F \text{ OS GATOS} [t_{TP}]]]]$

No caso do sujeito definido o argumento dentro de VP é apenas o afixo de concordância e o DP saturado definido e marcado [+Foco] é concatenado com o TP. Dentro deste todos os processos de checagem já ocorreram. Na posição em que o DP definido se encontra é impossível compatibilizar o traço [+Foco] com o acento nuclear, pois este só ocorre na posição mais profundamente encaixada. Há, então, o movimento-P do TP-predicado, que permite o elemento marcado [+Foco] passar para uma posição onde naturalmente cai o acento nuclear.

Tomemos agora o contraste definido/indefinido em inversão mono-argumental com os exemplos (19) e (20) aqui repetidos como (47) e (48), com seus respectivos contextos entre aspas:

- (47) Telefonou um estranho.

“O que houve?”

- (48) Telefonou O PEDRO.

“Quem telefonou”

A derivação das duas está contrastada abaixo:

(47)' $[_{TP} \text{Telefonar+ou}_i [_{VP} [_{DP} t_i \text{um estranho}] t_v]]$

(48)' a. $[_{\Sigma_P}[_F \text{O PEDRO}] [_{TP} \text{telefonar+ou}_i [_{VP} [_{DP} t_i [t_v]]]]]]$
 b. $[_{\Sigma_P}[_{TP} \text{telefonar+ou}_i [_{VP} [_{DP} t_i [t_v]]]]] \cdot [_{\Sigma_P}[_F \text{O PEDRO}] [t_{TP}]]]]$

7. O MISTÉRIO DO PB

A análise apresentada em Kato (no prelo) propõe que construções não-marcadas tenham apenas movimento de checagem e construções marcadas resultam de movimento-P. Assim, fica explicado por que as transitivas com sujeito indefinido posposto é um padrão neutro, ou não marcado, no italiano, enquanto a VOS com sujeito definido é marcada.

O PB perde tanto a ordem VOS com sujeito definido quanto VOS com sujeito indefinido e a teoria de Kato (no prelo) explica porque. Se o que checa caso e traços- ϕ nas línguas de sujeito nulo é o afixo pronominal de concordância e o PB deixou de ter afixos pronominais para adotar pronomes fracos livres como o inglês, a consequência previsível é que o Espec de T é obrigatoriamente projetado para um DP e ali checar os traços-D de T. O predicado é, então, uma categoria T', que não pode se submeter ao movimento-P, já que não é nem projeção máxima nem mínima. Assim, no PB ele não só deixa de ter sujeitos nulos como também não deveria licenciar inversão livre.

Mas o grande mistério do PB é que, enquanto a inversão com verbos não-mono-argumentais é vedada, a inversão com verbos mono-argumentais é produtiva.

Uma saída é dizer que VOS com sujeito definido, que é sensível a peso, se perde em função da perda do clítico, mantendo, porém a ordem VS mono-argumental, que movimenta um predicado TP contendo só o verbo. Mas não temos como explicar porque perdemos também o VOS com sujeito indefinido, que não tem tal restrição. Note-se que a sentença (44) é tão ruim quanto a (46). Em uma abordagem não-gerativista poderíamos falar em mudança por analogia, mas a analogia não tem lugar

em uma teoria que vê mudança como um processo digital [+] ou [-].

A solução que apresentaremos abaixo apoia-se no seguinte contraste em inversões com sujeito no plural:

- (49) a. Telefonaram uns meninos. PE
 b. Telefonou uns meninos. PB
- (50) a. Chegaram muitas cartas. PE.
 b. Chegou muitas cartas. PB

Chomsky (1995: 274)) contrasta línguas em que as sentenças inacusativas e existenciais têm o verbo concordando com o associado (inglês e italiano) com línguas em que o verbo concorda com o expletivo (francês)²³.

- (51) a. There arrived three men (last night) without identifying themselves.
 b. Sono entrati tre uomini senza identificarsi.
 c.# Il est entré trois hommes sans s'annoncer.

No inglês e no italiano os traços do associado subiriam para T, checando-lhe os traços, enquanto no francês é o expletivo, inserido em Spec de T, que desempenha essa função. No caso do italiano e do inglês o caso do associado é, portanto, nominativo, enquanto o do associado do francês é partitivo. O expletivo *there* do inglês também é inserido aí, não para fins de checagem de traços, mas para satisfazer o EPP.

Embora endossando a análise de Chomsky para o inglês, cuja morfologia de concordância não é pronominal, a análise do italiano segue a análise da inversão livre acima vista. O que sobe para checagem é o afixo pronominal de concordância, inserido em VP como argumento externo do verbo, o qual se encontra na numeração apenas flexionado para tempo. O

²³ A agramaticalidade do francês tem a ver com a oração adjunta e não com a concordância ou o expletivo, já que

Il est entré trois hommes

é uma frase boa. O que Chomsky quis mostrar com esses exemplos é que só quando há movimento de traços pode haver controle/ligação dentro da oração adjunta.

caso do associado é o nominativo “default” das línguas de sujeito nulo e não precisa de checagem. A análise do francês é particularmente relevante dado que o PB também não apresenta concordância do verbo com o associado. Apesar das diferenças superficiais entre o francês e o PB, a análise proposta é de que o PB é fundamentalmente como o francês.

Essa proposta se baseia na constatação de que embora o PB tenha perdido o sujeito nulo referencial, ele mantém o nulo expletivo (Duarte 1995) como se vê nas sentenças abaixo:

- (52) a. Chove.
 b. Tem um gato embaixo da mesa.
 c. Parece que o Pedro está com fome.

A proposta de Kato (1999) é que a terceira pessoa singular sem traços de gênero continua sendo um afixo pronominal nulo (-Ø), enquanto a terceira pessoa masculina e feminina são necessariamente pronomes fracos (*ele/ela*). Nesse sentido, nosso sistema pronominal é mais parecido com o do inglês, que inclui um neutro *it*. Esse afixo nulo é inserido no Espec de TP e checa os traços do T em (52) a, b e c. da mesma maneira que o expletivo *il* do francês. Já os traços-φ que incluem informação de gênero, correspondentes aqui a [+humano, - feminino] e [+humano, +feminino], deixaram de ser afixos pronominais para aparecerem sempre visíveis como pronomes livres.

- (53) a. *Ele* está cansado/ *Ela* está cansada/ * *Está* cansado/cansada. .
 b. O Pedro, *ele* está cansado./ *O Pedro, está cansado.

As sentenças (49)b e (50)b têm então uma derivação semelhante às sentenças existencial e inacusativa do francês, com a diferença de que o francês tem um expletivo lexical *il* na numeração enquanto o PB tem um afixo pronominal -Ø. Este checa o caso nominativo tanto das sentenças em (49)b e (50)b., como também o caso de T nas sentenças em (52). Kato (1999) distingue nominativo estrutural de nominativo “default”, podendo ocorrer os dois em uma mesma frase. O nominativo que exige checagem é eliminado quando o afixo de concordância sobe para T, enquanto o

nominativo “default” é o do associado, que permanece *in-situ*.²⁴

Representando a sentença (49)b, temos:

(49) b' [_{TP} -Ø _{+nom} - +telefona-+passado _{+nom} [_{VP} [uns eninos] _{inom."default"}]]]
+3apS

Sugere-se ainda a mesma análise para os existenciais no PB, que também não apresentam concordância. A diferença está apenas no caso do associado. No francês, o caso do associado das existenciais com *avoir* é considerado acusativo e o do associado dos inacusativos é considerado partitivo. No PB, o existencial com *ter* teria acusativo no seu associado e o inacusativo teria o nominativo “default”.

8. CONCLUSÕES

O PB passou de uma língua de afixo pronominal para uma língua de pronome fraco livre, deixando com isso de ser uma língua de sujeito nulo pleno. Essa mudança foi suficiente para coibir a inversão livre, seja com sujeito definido seja com sujeito indefinido. Os padrões mono-argumentais com sujeito no singular poderiam ser analisados como resíduos de uma gramática anterior, mas para a criança um só dado no plural é suficiente para reanalisar sua gramática como não tendo movimento de argumento para a checagem de nominativo e traços-φ. Nosso padrão VS, sem concordância, é diferente das demais línguas de sujeito nulo justamente porque o PB perdeu essa propriedade.

Esse trabalho mostra mais uma vez que o PB se aproxima mais do Francês (v. Roberts, 1993) do que das demais línguas românicas, incluindo o PE que, como se presume, deveria ser a irmã mais próxima.

²⁴ O traço “default” não é eliminado por checagem e deveria ter, então, interpretação nas interfaces. Podemos dizer que ele é interpretado como acento proeminente na FF e como [+Foco] em FL.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, M. .1987. *Old French, Null Subjects and Verb-second Phenomena*. UCLA:PHD Dissertation.
- ANDRADE BERLINCK, Rosane .1988. A construção V SN no Português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: F.Tarallo (ed) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes Editores.
- ANDRADE BERLINCK, Rosane. 1995. *La Position du Sujet en Portugais: Étude Diachronique des variétés brésilienne et européenne*. Katholieke Universiteit Te Leuven: Doctoral Dissertation.
- _____.no prelo. Brazilian Portuguese VS order: a diachronic analysis. In: M.A.Kato & E.V.Negrão (orgs)
- BARBOSA, Pilar. 1997. "Subject Positions in the null subject languages". *Seminários de Lingüística 1*: 39-63. Universidade do Algarve UCEH. Faro.
- BENINCÁ Paola & Gianpaolo SALVI. 1988. L'ordine normale degli elementi nella frase semplice. In: L.Renzi (ed) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione.Vol I*. Bologna: Il Mulino.pp. 119-129 .
- BENTIVOGLIO, P. & F.D/INTRONO . 1978. Ordem de palavras y posición del sujeto en espanol de Caracas: un estudio sociolingüístico. Presented at the V Congresso ' Internacional da ALFAL. Caracas.
- BITTENCOURT, Vanda. O. 1980. Considerações sobre as condições sintáticas de posposição do sujeito em português. *Ensaio de Lingüística*, 3: 72-86.
- BRITTO, Helena (1998) *Deslocamento à Esquerda, Resumptivo-sujeito, Ordem SV e a Codificação Sintática de Juízos Categórico e Tético no Português do Brasil*. Ph.D. Dissertation. UNICAMP.
- CARDINALETTI, Anna & Michal STARKE. 1994. "The typology of structural deficiency: on the three grammatical classes. *24th Linguistic Symposium on Romance Languages*. Los Angeles.
- CHOMSKY, Noam .1981. *Lectures on Government and Binding*, Studies in Generative Grammar,9,Dordrecht: Foris Publications.
- _____.1986. *Knowledge of Language, its Nature, Origin and Use*.New York:Praeger.
- _____.1995. *The Minimalist Program* Cambridge, Mass: The MIT Press.
- _____ & Morris HALLE . 1968. *The Sound Pattern of English*. New

- York: Harper & Row.
- CORVER, Norbert. & Denis DELFITO. 1993. Feature Asymmetry and the nature of pronoun movement. Tilburg University and University of Utrecht. ms.
- CINQUE, G. 1993. A null theory of phrase and compound stress. *Linguistic Inquiry*, 24,2:239-298.
- COSTA, João. 1998. *Word Order Variation: a constraint-based approach*. Haia: Holland Academic Graphics.
- . 1999. Resenha de Ordoñez, F. *Word Order and Clausal Structure in spanish and Other Romance Languages*. CUNY: Ph.D.Dissertation.
- CYRINO, Sonia.M. 1993. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil:objeto nulo e clíticos. In Roberts & Kato (eds).
- . 1994. *O Objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. UNICAMP: Tese de doutorado.
- Do NASCIMENTO, Milton. 1984. *Sur la Postposition du Sujet dans le Portugais du Brésil*. Université de Paris VIII: Doctoral dissertation.
- DUARTE, M.Eugenia.L. 1986. Variação e Sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. PUCSP: MA thesis.
- . 1993a. A perda da inversão V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil. *D.E.L.T.A., Número Especial*:37-52.
- . 1993b. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: Roberts & Kato (eds).
- . 1995. *A Perda do princípio "Evite pronome" no Português Brasileiro*. UNICAMP: Tese de doutorado.
- GALVES,C.C..1989. O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*,17:65-90.
- . 1993. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: Roberts & Kato (eds).
- JACKENDOFF, R.. 1972. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- KATO, Mary A.1974. *A Semântica gerativa e o artigo Definido*. São Paulo: Ática.
- . 1991. The distribution of null and pronominal objects in Brazilian

- Portuguese. In: W. Ashby (forthcoming) *Selected Papers from the XXI LSRL*. John Benjamins.
- . 1999a. Strong and weak pronominals and the null subject parameter *PROBUS*, 11,1: 1-38.
- . 199b. Aquisição e aprendizagem: de um saber inconsciente para um saber metalingüístico. In: Loni Grim-Cabral e J Moraes (orgs) *Investigações da Linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral*. Florianópolis: Editora Mulher. 201-225, 1999.
- & Fernando TARALLO 1988. Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects. Trabalho apresentado na *Georgetown RoundTable in Language s and Linguistics*.
- & Fernando TARALLO .no prelo. The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. In: I.V.Koch & B.Schliebe-Lange (orgs) *Linguistik in Bresil*. Tübingen: Nyemeyer.
- and Eduardo RAPOSO. 1996. European and Brazilian Portuguese word order: questions, focus and topic constructions. In: C.Parodi, C.Quicoli, M.Saltarelli & M.L.Zubizarreta (eds) *Aspects of Romance Linguistics*. Washington: Georgetown University Press. 267-277.
- & Esmeralda V. NEGRÃO (orgs) no prelo. *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-IberoAmericana.
- & Maria Eugênia Lamoglia DUARTE. 1998. "The loss of VS order in wh-questions in Brazilian Portuguese and the null subject parameter". Paper presented at the *1996 NWAWE*, Las Vegas.
- KAYNE, Richard .1994. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- KITAGAWA, Yoshihisa. 1986. *Subjects in Japanese and English*. UMass: Ph.D.Dissertation.
- KOOPMAN, H. & D. SPORTICHE. 1991. The position of subjects. *Lingua*, 85. 2/3IT Press.
- LIRA, Solange. 1982. *Nominal, pronominal and zero subjects in Brazilian Portuguese*. University of Pennsylvania Ph.D. dissertation.
- . 1986. Subject postposition in Portuguese. *DELTA* 2:17-36.
- LONGOBARDI, G. .1994. Reference and proper names: a theory of N-movement in syntax and logical form. *Linguistic Inquiry*, 25:609-65.

- NASCIMENTO, Milton do .1984. *Sur la Posposition du Sujet dans le Portugais du Brésil*. Université de Paris VIII: Doctoral Dissertation.
- NUNES, Jairo. 1990. Nominative pronoun reduction in Brazilian Portuguese. University of Maryland.
- . 1993. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em Português Brasileiro. In: Roberts & Kato (eds).
- OMENA, N.1981. Pronom personnel de la troisieme personne: ses formes variantes en fonction accusative. In: D Sankoff & H. Cedergren (eds.), *Variation omnibus*. Edmonton: Linguistics Research, Inc.
- ORDOÑEZ, Francisco .1997. *Word Order and Clause Structure in Spanish and Other Romance Languages*. CUNY: Ph.D.Dissertation.
- PAGOTTO, E. 1993. Clíticos, mudança e seleção natural. In: Roberts & Kato (eds).
- RAPOSO, Eduardo P. 1988. Romance inversion, the minimality condition and the ECP. *NELS*, 18,2:357-374.
- . 1996. Towards a unification of topic constructions. U. California, Santa Barbara, ms.
- . 1997. Definite/Zero alternation in Portuguese. Paper presented at LSRL, University of California, Santa Barbara, ms.
- & J. Uriagereka. 1990. Long distance case assignment *Linguistic Inquiry*, 21,4:505-538.
- RIZZI, Luigi. .1982. *Issues in Italian Syntax*. *Studies in Generative Grammar*, 11, Dordrecht: Foris Publications.
- . 1991. “Residual verb second and the WH-criterion”. *Technical Reports in Formal and Computational Linguistics* 3. Université de Genève.
- ROBERTS, I. 1993. *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Kluwer.
- & M.A.Kato (eds) 1993. *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.
- SILVA-CORVALÁN, Carmen.S. 1982. Subject expression and placement in Mexican-American Spanish. n: J. Amastae & L. Elias-Olivares (eds.), *Spanish in the United States. Sociolinguistic aspects*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TARALLO, Fernando 1985. The filling of the gap: prodrop rules in

- Brazilian Portuguese. In: L.D. King & C.A. Maley (eds.), *Selected papers from the XIIIth Linguistic Symposium of Romance Languages*. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins.
- TERKER, A. 1984. On linear order in Spanish. In: Ph. Baldi (ed.), *Papers from the Linguistic Symposium on Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins.
- URIAGEREKA, Juan .1995. An F position in Western Romance. In: K É Kiss (ed) *Discourse Configurational Languages*. New York/Oxford: Oxford University Press.153-175.
- ZUBIZARRETA, Maria Luiza .1998. *Word Order , Prosody and Focus*. Cambridge, Mass: The MIT Press.